

Trimestre.....	25000
Semestre.....	45000
Anno.....	85000

# O PENSADOR.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

El Jim non simo parviti fluctans, et circumferamur cum viti, certior: in insipida hominum, in aeterna et circumventum errori.  
(S. Paulo, Epistola Gal. V, c. 15, ad Ephesios.)

Maranhão, 30 de Setembro de 1881

Propriedade de uma associação.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE SETEMBRO DE 1881.

O último numero do orgão clerical dignou-se tratar da minha obscura pessoa. É conveniente, para que lhe possa responder cabalmente, destacar, dentro os seus redactores, o redactor em chefe. Este — o padre João Tolentino Gifedella Monteiro.

Pede V. Rm. a *Paróchia* que exhiba os meus títulos de idoneidade e as minhas garantias perante o publico.

Quanto a minha capacidade para poder tratar de negocios de emancipação, tenho a dizer o seguinte: — para se fazer parte d'uma chlo emancipador julgo não ser preciso ir-se a São Salpator buscar um titulo qualquer de sciencia. As mais das vezes venem-se de lá transformada a um bacharel em theologia e a um infante, isto é, — com habilitações para catunhar e com capacidade para delirar orfãos. V. Rm. que li' esteve, pode muito bem dizer se isto é ou não verdade. Isso prova que nunca sempre o titulo scientifico consi- hite uma garantia.

O *Excmo.* évangelizador provar-lhe ha mais para adiante que não são precisos títulos de nobreza e pergaminhos scientificos, para que os seus membros possam fazer alguma coisa a bem da grande causa da abolição. Conto que hei de mostrar-lhe se tenho ou não idoneidade, mas, não com palavras e sim com factos.

Tratemos das minhas garantias perante o publico. — Que uma outra pessoa exi- gisse de mim semelhante coisa, juda era admittivel. Mas V. Rm. é o menos competente para isso. Quem escreve para um jornal firmado d'um testa de ferro, não pôde o não deve exigir de quem quer que seja garantias perante o publico. V. Rm. está neste caso. O protesto de Dacilven Manoel Pinto, — ex-responsavel da *Cor- hesação*, — prova d'uma maneira franca e positiva a sua falta de coragem para assumir a responsabilidade de seus actos. E um homem nessas condições pôde falar em garantias perante o publico?! No entantão V. Rm. está no gozo dos seus direitos politicos, é cidadão votante, com responsabilidade moral e legal. V. Rm. está a dizer constantemente que possui todas essas regalías. E com tudo isso o vosso jornal tinha um responsavel que, além do vicio de embriagarse, está soffrendo um processo por crime de ferimentos?! E é V. Rm. quem exige de mim garantias perante o publico?! É ar- risorito!

Quando um homem, no perfeito gozo dos seus direitos, serve-se d'um testa de ferro, isto é, d'um responsavel para os seus actos, abdicá desses direitos e mostra, além de tudo, que é — covarde. — A covardia é uma das baixezas humanas. O covarde é um ser vazio de dignidade. O

homem sem dignidade é um animal sem valor.

V. Rm. escreveu com nome affectado um certo desprezo pela minha pessoa. Pensará acaso que tal coisa incomodou-me? Engana-se formalmente. Estu- lhe por isso até agradecido. Esse desprezo deixa ver que entre nós ha uma grande distancia, que é aquella que se- para o homem que só tem um crime, — falta de idade para votar, — do homem que para escrever precisa d'um testa de ferro. O vosso desprezo honra-me em de- massa. Profiro-o mil vezes, já não digo a vossa amizade, mas a qualquer considera- ção de vossa parte, por mais diminuta que seja ella. Dou seus elogios não preciso. Eu elogiado por vós!! Que desgraça!! Somentemente a idéa de tal coisa me faz tre- mer de susto.

Continue, pois, a desprezar-me, e a in- sultar-me, que assim me distinguirá bastan- te. Desse modo mostrará que eu não ando pelas igrejas ouvindo os vossos insupportaveis sermões e nem tão pouco comendo Christo em forma de hostia.

Não voltarei mais a dar-lhe resposta. Não vale a pena. E' perder tempo. Só voltarei se V. Rm. me declarar, primeiro que tudo, quem está substituindo De- rolthet Manoel Pinto

Plano FRENTE.

### Mais uma iniquidade do sr. d. Antonio d'Alvarenga.

Tem o sr. d. Antonio, nosso actual bispo diocesano, celebrisado o seu episcopado por iniquidades sem nombr. Todos os seus actos trazem sempre o cunho da maldade de coração. A bondade, a cor- dia, a mansidão suas cousas que o nos- so bispo desconhece completamente. Para atestá-lo, não estão a exhibição, que s. exe. pretende fazer, do realaver de uma pobre senhora, que se suicidara: o celebre interdito lançado á capella do cemiterio; o modo bruto e grosseiro por que s. exe. nos templos, publicamente, interpeila as pessoas simples, que ainda concorrem aos templos, etc. Tudo isto é prova cabal, indubitavel, da ineptia de s. exe. reem, para o cargo que occupa.

E até aos seus proprios sacerdotes faz s. exe. sentir a irascibilidade de seu nomi- no. Nem elles são poupados das injus- ticias, das iniquidades do nosso actual diocesano. Os prauiros e mais distinc- tos sacerdotes desta diocese são, todos os dias desfeitos, completamente aban- donados pelo sr. d. Antonio e só estimu- dos pelos homens sensatos desta provín- cia, que sabem fazer-lhe a seu caract- er, ao seu talento superior.

O illustre sr. conego Raimundo da Pa- rificação dos Santos Lemos, por sem du- vida o primeiro sacerdote desta diocese, despido de todos os cargos, que occupa- va, completamente abandonado, viu-se na

necessidade de retirar-se desta provincia, deixando a terra natal, familia e todas as suas mais caras affeições. Vago o lugar de arcepresb, a justiça mandava que fosse promovido o empedrado immediatamente inferior; o chaure sr. conego Penarisco José dos Reis, — sacerdote não menos dis- tinto que o sr. conego Parificação. Mas, não. Foi nomeado um padre fratego e sem dignidade, calçando-se aos pés os servi- ços, os talentos de um sacerdote illustris- simo. Todos aquellos que se não presen- taram a caprichos pequeninos, que não fizeram parte da negra camarilla que nos convulsiona, estão irremessivelmente con- demnados. Sobre elles cabirá indelivel a força de todo o odio do sr. d. Antonio.

Mas as injusticias do sr. d. Antonio nunca foram tão patentes como agora. Nunca os seus iniquidades tiveram o resul- tado que acaba a sua ultima de produzir.

Ha muito que o revd. padre Gervázio Antonio Nogueira, sacerdote distinctissimo por muitos títulos, exercia o cargo de coadjutor da freguezia de N. S. da Conceição. Por fallecimento do padre Pedro Nicolau Ribeiro, o padre Gervázio ficou encarregado da freguezia. Nunca em- pregado algum foi mais zeloso. Nunca houve pastor mais benigno, mais delica- do. A população inteira fazia justiça ao padre Gervázio. Todos o estimavam, to- dos o estruturavam. Elle conseguira prender a si todos os corações.

A opinião publica, pois, o apontava para substituir o digno padre Pedro. Ninguem cogitava de ser nomeada outra pes- soa, para o cargo, que com tanta desti- gação exercia.

E, entretanto, foi noticiado para o lo- gar de parcho da freguezia de N. S. da Conceição o padre Manoel José de Oliveira Mira-sol, sacerdote de precedentes desconhecidos na freguezia. Fera calçada aos pés a justiça. O direito fora cruelmente postergado.

Victima de uma injusticia, Gervázio não articulou uma só queixa. Nunca se lhe viu escapar dos labios a menor expressão do ressentimento. Educado na desgraça, com ella se identificava.

A freguezia, porém, não agradou ao padre Mira-sol. Os seus desejos se não verificaram. Elle resolveu deixá-lo, pro- curar outra que mais propicia lhe fosse.

E deixou-a. Tratava-se de substituí-lo. Tinha-se de dar-lhe um successor. A justiça já uma vez calçada aos pés, o direito já uma vez postergado, mandavam que o seu substituto legal, que o coadjutor — Gervázio — fosse nomeado.

Mas, para o sr. d. Antonio não ha justiça. S. exe. desconhece completamente o direito. Para elle só existe a sua vontade prepotente. A justiça é representa- da pelo infame grupo que o envia, que o bajula. Gervázio deixou de ser nomeado, e com uma clausula infamante — a de não merecer confiança!!

O pobre moço não pôde sustentar o rude golpe que lhe foi atirada. Succum- bio. Gervázio teve um desgosto enorme.

E, até ainda o pobre homem — Faz dô velo vagar pelas ruas da cidade. As suas feições descompostas, os seus movimentos sem significação tudo faz nascer commiseração para com o infeliz e o odio para o causador de seus males.

Esse málvado e o causador das infeli- cidades de Gervázio é o sr. d. Antonio Candido d'Alvarenga, actual bispo do Maranhão. Elle e só elle é o responsavel pelo estado do infeliz moço.

E não terá o sr. d. Antonio d'Alvaren- ga arrependimento da iniquidade sem no- que praticou? Não se arrependera de ter concorrido para inutilizar um mo- ço que tam bons serviços prestava a patria e á sua familia? Não! Arrepen- de-se quem tem coração. O Sr. d. Antonio não o tem. S. Exc. não sabe o que é praticar o bem.

O Sr. d. Antonio deve; pois, ter um castigo digno do crime que commetten. A consciencia publica deve apontá-lo com um homem perigoso, como um homem, de quem todos devem temer. S. Exc. fez jus á odiosidade de todos que sabem o que é ser bom e justo.

Sobre elle, pois, caíam os odios de todos os homens sensatos. Nunca mais en- tre riu. Persegua-o por toda a parte a cruciante dor do remorso. Que a água do infeliz moço murmure-lhe nei- gamente aos ouvidos: Maldição!

O *Pensador*, temos dito muitas vezes, não interveem na luta dos nossos parti- dos politicos. Conserva-se superior a ella.

A nossa politica actual é a dos inter- esses passivos. É a politica em que, as mais das vezes, as justas aspirações são esculadas aos pés; para que se erga o pa- tronalio vil e escandaloso. Os homens mais importantes por seu saber e virtu- des ficam de lado; para dar passagem á mediocridade tola e poltante.

Infelizmente, não podemos ter a livre manifestação da vontade popular. Ha pou- co era o obitorato de cabresto, o eleito- rado que só se viu á vontade do chefe, do potentado. Hoje que, graças á eleição directa, podemos ter um eleito- rado digno e independente, foram excluidas das urnas as grandes massas populares. Uma população de perto de 40,000 almas só dá oitocentos e tantos eleitores!

E, neste caso, poderão os eleitos dizer- se representantes da vontade popular? Não! Elles não são representantes do povo. Representam unicamente o funcio- nalismo publico e os proprietarios, que constituem uma parte insignificantisima da sociedade.

O povo elle não representa. A este foi extorquido o direito de voto. Não lhe permitem eleger os seus representantes.



Estava pois reservado ao padre catholico o maior absurdo que jamais a razão do homem concebeo!

E o evangelho ainda não foi pregado entre nós!

E o jesuita embrotece o povo com estas e outras praticas, em vez de moralisar pelo exemplo, instruir pela pratica das doutrinas do Christo, praticar a caridade e as outras virtudes do Divino Mestre.

Mas os nossos jesuitas levam aos tribunales os que os atrevem quando Christo dizia aos que os crucificaram e o crucifixo de sarcasmos: «Meo Pai, perdoas-lhes.»

Mandam vir do Mirador um testa de ferro para injuriar aos seus contrarios, quando Christo ensinava: Sede humildes como cordeiros, e simples como pombas.

O martyr do Golgotha não finda uma pedra onde posar a cabeça, tão pedrada era, e o padre Fonseca reunia por mez 170\$ rs. de capellão do exercito, 100\$ de lente do Lyceo, 833333 de lente do Seminario de Santo Antonio, mais 305 de vice-reitor do mesmo estabelecimento, e ainda muitas com missas por anno, termo medio á 25000, o que tudo reunia para este santo homem a quantia de res 1.80005000, com casa paga e comida no seminario, creoulos etc., e apesar disso não engordou!

O bispo, é voz geral, não dá escola a ninguém; então para que servem os padres de Santo Antonio?—que é da sua caridade, que é da sua mansidão, que do seu amar pelos pobres, pelos oprimidos, pelas orphãs e viúvas?

Só tem gazeta para descompor, e praticar absurdos que ensinam a comer seu proprio Deus?

Ora... do

Comptro Absteito.

Os milagres de N. José destruidos pelo bispo.

O sr. d. Antonio em cada dia que passa pratica um novo acto que o torna *evdor da sympathia publica*, augmentando-lhe o prestigio de que goza.

Todos sabem que S. José do fôla-mar é um santo verdadeiramente milagroso e quem o ignorasse podia facilmente verificar, indo á sua ermida, cujas paredes cobertas de braços, pernas, barrigas, caheças e outros membros de cera, attestavam o poderio do santo.

Pois o sr. d. Antonio n'um d'aquelles rasgos de *sabedoria*, que os maranhenses tanto tem admirado, mudou a fama do santo reduzindo a bollo todo aquelle arsenal de milagres, para ser vendido a peso.

O acto do sr. d. Antonio, que aliás faz parte do nosso programma, seria digno de honrosos se por ventura fosse o resultado de um plano concertado para extirpar a religião dos abusos que n'ella introduziram padres espectralares e viliarios; mas infelizmente assim não e. Pois ao mesmo tempo que reduz os milagres a bollo, ensandece a pratica de actos má vezos mais reprovados, tais como: imundade do coração de Jesus de Maria, *passagem* clerical, conegos de contrabando &c.

Entretanto sempre houve alguma coisa de bom n'esse acto do bispo e foi a operiza que lhe vatarem desde logo os devotos d'aquelle santo afastando-o cada vez mais d'esse povo que, com os mil-

trapólios de Santo Antonio, pretende fanatizar.

Theodoro Castro.

N. B: não adhemos se o resultado da venda dos milagres machucados foi para a Santa, ou para a mitra. Mas como indo vam a dar na mesma coisa, *ora pro nobis*.

Estu razão do modernissimo costume do pregar, nos templos, de portas cerradas, Frei Magrico submetten a despacho do Revm. D. Gercha o seguinte requerimento:

Diz o padre Frei Magrico Que já está com um cauco No officio de pregador; Pede ao hom do seu Pastor Que uma fôlga se lhe dê, E receberá a mervo; Pois conta ficar mirrado Si continua encerrado Com as irmãs do coração Todo o dia em oração.

Despacato.

Seja aliviado O Grão-Magrico Para em cortijo Ser confortado; Pois que desgraça Qu'esta careca Morro nos seja Para a igreja! Sala de noite, Nunca fez mal, Limpia o peito Da catarrhal; Exemplo, em mim, Que fui corcêta, Jamais o officio Me poz manêta. Assim quer o Antonio.

D. Roberto.

VARIÉDADE



Segundo é provavel, mais cedo ou mais tarde sua Santidade—a infallivel tem de deixar o seu azilo predilecto—Boma.

O povo italiano, por demais tolerante, tem comprehendido que a estada d'esse villão, nos domínios do rei Humbert é um tropeço a sua civilisação. O *statu quo actual* não pode ser conservado pelo paiz do macarrão.

Viva a Italia! que sabe comprehender o progresso!

Mas, se esse fraco Leão for expulso da Italica unção, onde irá ter? quem acolhe-o-ha?

Diz-se que a Inglaterra servirá de *bancheira da misericordia*. Assim ficaremos completamente convencidos de que a patria dos *hubs* é *pão para toda obra*.

Onde irá parar essa ave sinistra? Ninguém a quer... Os proprios estados catholicos romanos a odeião e, portanto, expellirão de seu seio!

Que sorte estará reservada ao nosso Leãozinho? Ora, meu Deus, fende piedade d'elle!

Gragas ao alfice religioso do Rev. padre Mourão o mal de sua Santidade não durará muito tempo.

Se Portugal recuzar-se a receber o chefe da romana Igreja, o Marquão acollhe-o-ha de braços abertos. Se não quizerem que elle faça pousa em Mafra, S. Francisco das Chagas mandará abrir-lhe as portas de seu edificio, usurpado pela corja de Santo Antonio...

Assim, teremos o prazer de possuir entre nós o Sr. Joaquim Peccá, caracterizado em chefe do *deus-monde*.

A nossa edificação mandará, de certo, limpar as praças e capinar as testadas, com quanto seja proprio aos pastores apascentarem seus rebanhos por sobre a vacosa relva.

As casas dos devotos mais fervorosos ornar-se-hão de lindas bandeirôlas e vistosas flammas para a recepção do amca visto successor de S. Pedro.

Se tal acontecer, o Sr. Almeida, dizes pessoa de sua intimidade, pretende symbolisar a passagem do grande homem pela frente de seu magnifico edificio com um longo pendão escarlate.

Interpellado sobre o motivo de uma tal extravagancia, respondeu o guloso mancober: *Le sang est rouge. Le bon vent le suit*.

Este Sr. Almeida tem seus pedagos?..

Com tudo achamos degradante a posição do Sr. *Quincos*. A nossa terra não é uma consa tão ordinaria, que não possa encerrar esse lamambo fco de... hypocrizia; mas deixar o papa a sua bella Boma; abandonar sua Santidade a sua querida Italia para habitar n'esta terrinha! Deixar aquelle clima ameno para partillar das ardores de nosso sol! participar das nossas misérias! Enfim, viver neste recanto, achacado de beri-beri! Isto só como ultimo recurso!

Ao desembarcar, se é que elle cá vem, iremos vel-o, por méra curiosidade. Uma destas emblemas, entre nós, servo de papel de amestira. Ninguém a admira, ninguém a idolatra. Todos querem vela, somente vela.

Secundamos as nossas congratulações com esse paiz nobre, a Italia, pelo passo que camven ella de e que mais hoje ou mais amanhã fal-o-ha.

Assim possessemos nós expulsar d'esta boa terra os jesuitas que aqui vivem... Mas, se tal fizessemos, tinhamos de mandar o papa de cambolhada com elles, se esse alto personagem já aqui *rezidisse*. Embora! O papa, que fosse plantar batatas, procurasse outro asylo. O Mirado paraceise talvez tivesse a disposição de acolhe-lo... *Pobre homem!* o sr. d. Antonio de Macelo Costa, victima de um povo de *consciencia de barracha*.

Nesse caso já que o prestavel d. Antonio Costa, pode ficar com o papa, pedimos-lhe, que nos complete o favor, fique tambem por lá com o sr. Antonio Alvaranga, com o Fonseca, o Castro e tantos outros varios, que, embora bellas pessoas, nós não as queremos aqui.

Quando ao Mourão, não se consuma v. exc.; porqne não lh'o remettemos. Da preferencia lavemos de enviar-o para o asylo das *loas vicentes*, em Noronha.

E, enquanto o papa não vem nos vâmos escrevendo estas variedades, e os condescendentes leitores terão a paciencia de ir lendo-as e o sr. Tude, o antigo seni Puzeca, continuará a dizer: isto de papas na cidade e ama... como dizia o limido Venocstan.

29-9-81. X. Y. Z.

ECHOS DA RUA.

Continua a *Pandorga* a guardar um silencio comprometedor relativamente á correspondencia do sr. Dorothen Manoel

Pinto, que não quiz ser responsavel pelas calumnias do Guedella e seus *dignos* pares.

—Este negocio é mais grave do que se pensa, pois os proprios parentes do Mourão é que ficaram Dorotheo da miseravel cilada, que o outro Mourão lhe havia preparado.

Diz-se pela bocca pequena que a *Pandorga* está enterrada nas Livrarias até aos olhos, e que quando se procuram as rotas, já *idosas*, os velhacos redactores empurram de nós para os outros, como no jogo da bolha.

—Se os tartufos arranjam um responsavel p'ra's contas, como queriam p'ra's infamias, nossos pezames aos srs. Livreiros.

O dr. *Beatio* confessou ao Guedellado tão feics peccados, que este declarou só poder absolvel-o se elle cumprisse o actual *ghilens*.

—E como é pandego agora ver-se o escudagio arrastando-se pelas igrejas, de braços abertos, a soccar os peilos como qualquer negra velha.

Se a *Pandorga* dír em agua de barrella, como se julga, pelos grandes calotes que pregou aos Livreiros, segundo é publico e notorio, nós compraremos o *besto Krup* para impiuir o nosso querido peixadon.

—Se o Mourão for á praça, esse não queremos nem para a limpeza do escriptorio.

Consta que o Guedellado aconselhou ás irmãs do coração que abrissem entre si uma subscrição para dar mensalmente ao *Mundico seu barriga*, um cento e setenta e dois mil reis, que lambia no Quartel, contra a lei e sem trabalho.

—Aprovamos a ideia e como cada um dá o que pode, desde já subscrevemos com um magnifico vergallo.

Quando D. Roberto veio da Villa do Paço quiz tomar o bond no Catim, mas estando esse cheio e ninguém se querendo incommodar, ia retirar-se o pobre homem, quando um cavalleiro compadecido levantou-se e cedeu-lhe o lugar.

E quando todos supunham que esta prova de desconsideração o fizesse reflectir, começou em ar de galhofa a contar como *serava* do beri-beri com uns remediños de duas cabecas d'aquelle villa.

—Este facto que indignou a todos foi a prova real do sizo d'esse pobre homem.

Depois que a *Pandorga* offereceu á concorrancia publica a sua bella typographia, imprimiram-se ali as seguintes obras:

1 compendio de moral domestica do incomparavel Sen Puzeca e 1 taboath do neto de Nho Poly, já bastante estragada pelo pouco cuidado da crianca.

—Com semelhantes buros é lá possível que os tartufos estejam em apuros?

No ultimo sabbado, seriam duas horas da tarde, um joven empregado no commercio procurou *João Guedellado* para liquidar uma das suas contas *idosas* da redacção do *Pandorga*.

—E ao mesmo tempo que disseram ao joven que o tartufo não estava em casa, deram ingresso a duas irmãs que tambem procuravam o revd. bandido.

—Quem dividir d'este facto e do outro do Catim, venha no nosso escriptorio que lhe diremos os nomes dos cavalleiros com quem elles se deram.

Na noite de 25 do corrente, na igreja

